La Comédiathèque

A pior aldeia de Portugal

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

A pior aldeia de Portugal

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Os poucos sobreviventes de uma aldeia moribunda, esquecida por Deus e contornada pela autoestrada, decidem criar um acontecimento para atrair visitantes. Mas transformar a pior aldeia de Portugal no novo destino turístico da moda não é nada fácil…

Personagens:
Roberto (ou Roberta): proprietário ou proprietária do café
Gina: proprietária do café
Carlos (ou Carla): professor ou professora
Feliciano: padre da aldeia
Honório (ou Honória): presidente da junta de freguesia
João Carlos (ou Joana Carla): tolo ou tola da aldeia
Wendy: produtora de televisão
Laura (ou Lourenço): jornalista
Ramires: comissário de polícia
Sanches: inspetor de polícia

*Distribuição muito flexível em termos de género,
já que quase todos os papéis podem ser masculinos ou femininos. Existe também uma versão para nove intérpretes nos sites do autor:*
https://comediatheque.net/ https://jeanpierremartinez.net/

© La Comédiathèque

Ato I

Um café de aldeia, o Café do Comércio, em Viladeburros da Igreja. Atrás do balcão, Roberto, o proprietário, de ar popular, folheia o jornal local, enquanto Gina, a dona do café, um pouco mais arranjada, limpa copos distraidamente. Entra Honório de Marçal, o presidente da junta, vestido com uma elegância algo antiquada.

Honório – Bom dia, Roberto. Dona Gina, os meus cumprimentos.

Roberto, um pouco carrancudo, mal levanta os olhos do jornal. Gina sai do seu devaneio e o rosto ilumina-se-lhe.

Gina – Senhor Presidente… Então, como vai?

Honório senta-se a uma ponta do balcão.

Honório – Bem… Estou com uma ligeira cefaleia desde esta manhã. Não sei porquê…

Roberto – Com o estado em que estavas ontem à noite, não admira. Em linguagem corrente, isso chama-se ressaca…

Gina lança a Roberto um olhar de censura.

Gina *(muito amavelmente)* – O que lhe sirvo, Honório?

Honório – Vou tomar uma aguardente. Há de fazer-me bem…

Roberto – Fazes bem… Não há como curar o mal com o próprio mal…

Gina serve Honório, que lhe agradece com um sorriso.

Honório – Está particularmente bonita hoje, minha querida.

Gina – Pintei o cabelo. O meu marido nem deu por isso…

Honório – Ah, sim, é um…

Roberto – Azul.

Honório – Realmente, o seu marido não a merece, querida Gina. Mas essa cor fica-lhe lindamente.

Gina – Sempre é uma mudança…

Roberto observa o galanteio, irritado.

Roberto – A cor do teu cabelo é a única coisa que ainda muda de vez em quando em Viladeburros da Igreja… *(Pousa o jornal no balcão.)* É incrível! Nesta terra não acontece rigorosamente nada… Já nem sequer aparecemos no índice do jornal regional.

Gina – A sério?

Roberto – Olha! Antes, mesmo que nunca escrevessem sobre nós, Viladeburros da Igreja aparecia aqui, entre Viladeburros da Fonte e Viladeburros das Duas Igrejas. Agora, nada. Nem no índice!

Honório *(suspirando)* – Pois é, meu pobre Roberto… Que queres? Somos os náufragos do êxodo rural. Apagam-nos do índice antes de nos apagarem do mapa. Em breve, não

constaremos de plano nenhum, como uma ilha deserta perdida no Pacífico, longe de todas as rotas marítimas.

Gina – Se ao menos tivéssemos praia… Tem razão, Honório. Somos náufragos no meio dos batatais.

Honório – Até que a subida das águas engula este pequeno pedaço de terra a que ainda nos agarramos…

Roberto – Aqui era mais provável sermos levados por uma enxurrada de lama…

Honório bebe a aguardente.

Gina – É tão triste… Mas que havemos de fazer, senhor Presidente?

Honório – Presidente… Não sei se continuarei a sê-lo por muito tempo…

Roberto – Tens medo de não ser reeleito? Nunca apareceu outro candidato em Viladeburros da Igreja. E com os poucos eleitores que cá restam, se votares em ti próprio, já tens quase vinte por cento dos votos expressos.

Honório – Não é isso… Acabei de receber uma carta na junta. Querem integrar a nossa freguesia na freguesia vizinha.

Roberto – Viladeburros das Duas Igrejas?

Gina – Mas fica a mais de vinte quilómetros!

Honório – Vinte e três em linha reta… e vinte pela estrada.

Roberto – É verdade que a estrada, pelo meio dos campos, é direitinha…

Gina – Há tão pouca coisa por aqui que nem se percebe o que a estrada teria de contornar para fazer uma curva.

Roberto – Se ao menos tivéssemos um monte, um bosque ou sequer umas árvores…

Honório – Pois… Se a nossa freguesia tivesse de escolher um brasão, nem sei o que poderíamos pôr nele…

Roberto – Uma batata.

Honório – Seja como for, não há motivos para festejar. E este talvez seja o meu último mandato. Agregação de freguesias, é como lhe chamam.

Roberto – Tu, que eras presidente há mais de trinta anos…

Gina – Então, como é que vamos tratá-lo, se já não pudermos chamar-lhe senhor Presidente?

Honório – Senhor de Marçal, suponho… Mas a senhora, Gina, poderá continuar a chamar-me Honório…

Roberto – Já não tínhamos urinol público nem cabine telefónica. Agora ficamos também sem junta de freguesia.

Honório – É o fim dos serviços públicos…

Gina – Depois de tudo o que fez por Viladeburros da Igreja…

Roberto – Pois, enfim…

Gina – O quê?

Roberto – Isto sobretudo não vai ajudar nada os teus pequenos negócios, pois não, Honório?

Honório – Os meus negócios? Que negócios?

Roberto – Está bem, como presidente fizeste muito pela freguesia. Deve ser por isso que agora querem acabar com ela…

Gina – Isso é injusto, Roberto. Temos de reconhecer que Viladeburros não tem muito para oferecer.

Roberto – Seja como for, aproveitaste bem as prerrogativas do cargo, não aproveitaste?

Honório – Não estou a perceber onde queres chegar…

Roberto – Refiro-me ao subsídio que conseguiste da câmara municipal…

Honório – Ah, sim…

Roberto – Para restaurar um solar onde, segundo uma lenda de que ninguém ouvira falar até então, Dom Sebastião teria passado uma noite em 1577.

Honório – Posso mostrar-te o livro onde essa lenda está escrita!

Roberto – Foste tu que o escreveste!

Honório – Agora já nem se pode escrever livros de história…

Roberto – Um solar que, por mero acaso, te pertence, completamente renovado à custa dos contribuintes para fazer turismo rural… Quartos onde nunca dormiu ninguém, claro. A não ser Dom Sebastião…

Honório – Não fazes ideia dos encargos de possuir um imóvel histórico, Roberto…

Roberto – Dom Sebastião… Se ao menos tivesse morrido na tua cama, já não haveria mistério sobre o seu desaparecimento.

Gina – Roberto, por favor…

Roberto – E nem falemos do subsídio para recuperar a capela da aldeia.

Honório – Viladeburros da Igreja tinha de ter uma capela digna desse nome!

Roberto – Uma capela cujo pároco é, por acaso, teu primo. Restauraram a casa paroquial com os nossos impostos. Parece um riad marroquino. Até tem um jacuzzi no pátio…

Honório – Um jacuzzi! Que exagero… É apenas um tanque ornamental.

Roberto – Um tanque com jatos de água, então.

Honório – Sinceramente, Roberto, não percebo aonde queres chegar…

Roberto – Sei lá… Com aquele dinheiro, podia ter-se feito alguma coisa pela terra…

Honório – Ah, sim? Por exemplo?

Roberto – Podíamos ter instalado câmaras de vigilância.

Honório – Para vigiar o quê? Os batatais?

Roberto – Podíamos ter recuperado a escola!

Entra Carlos, o professor primário, visivelmente homossexual.

Carlos – Minhas senhoras e meus senhores…

Gina – Falando no diabo… Aqui está precisamente o professor. Bom dia, Carlos.

Carlos – Ena! Que enchente hoje no Café do Comércio!

Roberto – Pois… Estamos quase todos.

Carlos – A nobreza e o povo. Só falta o padre e podemos reunir as antigas Cortes…

Honório – Nem imagina como tem razão, Carlos. A pátria está em perigo.

Roberto – E Dom Sebastião já não está cá para a salvar…

Carlos *(a Honório)* – Finalmente vão constituí-lo arguido, senhor Presidente? Está muito na moda.

Gina – Oxalá fosse só isso…

Carlos – Vai ter de fazer as honras no primeiro casamento gay da aldeia? Tanto quanto sei, ninguém me pediu ainda em casamento… Pelo menos com a intenção de me pôr uma aliança no dedo…

Honório – A freguesia de Viladeburros da Igreja vai ser agregada à freguesia vizinha.

Carlos – Não diga!

Gina – E isto é só o princípio, vão ver.

Honório – O princípio do fim, em todo o caso.

Roberto – Hitler começou por invadir a Polónia, e depois veio tudo o resto. Se não reagirmos…

Carlos – Infelizmente, nem imagina a razão que tem.

Carlos senta-se ao balcão, visivelmente preocupado.

Gina – Também recebeu más notícias?

Carlos – Estão a pensar fechar a escola, imagine.

Gina – Não pode ser!

Roberto – Também era de esperar, desde que deixou de haver alunos. Quando ficarmos sem clientes, também nós teremos de fechar…

Gina – Já não há alunos? Então o João Carlos conseguiu finalmente tirar o diploma da primária?

Carlos – Esse diploma deixou de existir há décadas, Gina. Mas, com mais de dezoito anos, eu não podia continuar a obrigá-lo a repetir o quarto ano.

Gina – Também acabaram com o diploma? Onde é que isto vai parar? O que te sirvo, Carlos?

Carlos – Um licor de menta com anis, como de costume.

Gina serve-o.

Gina – E agora, o que é que o João Carlos vai fazer?

Carlos – Isso…

Gina – Por sinal, ainda não o vimos esta manhã. Sabe-se lá onde estará escondido.

Roberto – E se fecharem a escola, tu também não vais encontrar facilmente outro lugar no ensino, Carlos.

Honório – Dizem que faltam professores…

Roberto – Pode ser, mas com o cadastro dele…

Carlos – Cadastro! Não exageres.

Roberto – Foi um caso de costumes, apesar de tudo…

Carlos – Sim, mas não teve nada a ver com crianças…

Gina – Mesmo assim…

Carlos – Às vezes gostava de dar aulas vestido de mulher. Não fazia mal a ninguém…

Gina – Mas podia baralhar um pouco os miúdos. Num dia tinham um professor, no outro uma professora…

Honório – Deve ter sido por isso que te transferiram para uma escola sem alunos… Enquanto decidiam o teu caso.

Entra Feliciano, o padre. Parece mais um galã envelhecido do que um sacerdote, não fosse a cruz que traz discretamente na lapela.

Carlos – Ah, senhor Padre! Só faltava o senhor para tomarmos a Bastilha.

Feliciano – Bom dia, meus filhos.

Roberto – Meus filhos… Com um padre destes, nunca sabemos se é para levar a expressão à letra.

Gina – Roberto…

Roberto – Sabes, Carlos, a vida é injusta. Devias ter sido padre. Nessa profissão um homem pode usar vestido sem ter problemas com a justiça. Já este, nunca ninguém o viu de batina.

Carlos – É pena. Tenho a certeza de que lhe ficava muito bem, Feliciano.

Gina – O que lhe sirvo, senhor Padre?

Feliciano – Um copo de vinho branco seco.

Honório – Então, senhor Padre? Espero que ao menos nos traga boas notícias.

Feliciano – Gostava de poder dizer que sim, senhor Presidente… Infelizmente…

Roberto – Não te pergunto se morreu alguém. Tirando o João Carlos, todos os sobreviventes desta aldeia fantasma estão aqui.

Feliciano – Pior que isso… O bispado pensa suprimir a minha paróquia…

Gina – Não diga!

Feliciano – Infelizmente, Deus está em insolvência… Parece que também nós temos de nos reestruturar.

Gina – Que desgraça… Um dia destes, os chineses ainda vão comprar ações do Vaticano.

Feliciano – É que já ninguém vem à missa em Viladeburros.

Roberto – Apesar de todo o trabalho que tiveste para repovoar a paróquia.

Gina – Roberto… Respeita ao menos a religião…

Roberto – Este não multiplica os pães, multiplica os bastardos…

Honório – Sem junta, sem escola, sem igreja… Só nos resta o Café do Comércio.

Roberto – E por quanto tempo?

Carlos – Não estarão a pensar fechar, pois não?

Gina – Por mim, vendíamos. Se aparecesse comprador…

Feliciano – Vá lá, não nos digam que também se vão embora… O que faria, Gina, sem este café?

Gina – Para começar, tirava férias. Pode não acreditar, mas nunca vi o mar.

Roberto – Mais depressa chega aqui o mar com o degelo das calotas polares do que aparece um comprador…

Carlos – Um pato, queres tu dizer.

Roberto – Quem é que compraria um café numa terra destas? Já nem temos clientes…

Honório – Os últimos agricultores alcoólicos e consanguíneos que havia por cá foram substituídos por drones comandados à distância, de Lisboa.

Gina – Precisávamos de atrair alguns turistas, pelo menos no verão.

Carlos – Mas o que é que poderia atrair turistas a um buraco destes? Não há absolutamente nada para visitar num raio de cem quilómetros.

Honório – Para descansar, é realmente o lugar ideal.

Roberto – Pois… À espera do descanso eterno…

Feliciano – Batatais a perder de vista. Uns quantos corvos. É preciso ter muita fé para ficar por aqui…

Carlos – Batatais com corvos… Parece o título de um quadro de Van Gogh…

Gina – Se ao menos Van Gogh se tivesse suicidado aqui, sempre nos tinha feito alguma publicidade.

Roberto – Olha que não era má ideia. Se um dia legalizarem a morte medicamente assistida em Portugal, Viladeburros da Igreja fica logo na primeira linha para receber a primeira clínica.

Carlos – É verdade que, se os deprimidos do país inteiro viessem cá suicidar-se em massa, isso dava nova vida à nossa encantadora freguesia…

Feliciano – Vamos, meus filhos, mantenhamos a fé. Deus há de acabar por nos ajudar…

Roberto – Entretanto, esta rodada é por minha conta. Vamos beber para esquecer que o mundo inteiro, até Deus, nos abandonou num oceano de batatas… Gina, traz uma garrafa de espumante.

Honório consulta o relógio de bolso.

Feliciano – Está bem, mas depressa.

Honório – Bolas… Já são estas horas!

Roberto – Porquê? Estão assim tão ocupados os dois?

Gina abre um armário e solta um grito ao descobrir João Carlos encolhido lá dentro.

Gina – Ai, não… Um dia destes tenho um ataque cardíaco…

Honório – Faz isso muitas vezes?

Gina – Desde pequeno que tem a mania de se esconder nos sítios mais inesperados.

Roberto – Uma vez encontrámo-lo dentro da máquina de lavar. Agora já não cabe…

Gina – Nunca me hei de habituar… Sai daí!

João Carlos sai do armário. É o típico tolo da aldeia. Deve ter uns dezoito anos, mas pode ser representado por um ator mais velho vestido como um jovem ou até como um menino, o que acentua o lado simplório da personagem.

João Carlos *(a Roberto)* – Olá, tio.

Roberto responde com um aceno de cabeça.

Carlos – Olá, João Carlos.

Honório – O teu primo não melhora…

Feliciano – Pensei que era teu sobrinho.

Gina – É um bocado complicado. Até eu já me perco…

Gina tira uma garrafa de espumante e coloca-a num balde com gelo.

Carlos – Pois… Isso explicaria algum atraso no desenvolvimento…

Roberto – Como também sou padrinho dele, digamos que é meu afilhado.

Gina – Enfim, chamamos-lhe João Carlos, é mais simples.

Carlos – Ou JC, que é mais curto.

Feliciano – Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Honório – O último jovem que resta na aldeia…

Carlos – É evidente que traz uma pesada herança genética…

Roberto – Segundo uma lenda que descobri recentemente, ele seria descendente direto de Dom Sebastião…

Feliciano – Ainda lhe dei a primeira comunhão no ano passado, por via das dúvidas…

Gina – Agora que já não há diploma da primária, a certidão de batismo deve ser o único diploma que alguma vez conseguirá…

Carlos – Segundo um estudo de um sociólogo da universidade, os Joões Carlos nascidos depois de 2000 têm uma hipótese em cem de terminar o secundário com distinção.

Honório – Então, rapaz, o que vais fazer agora?

Feliciano – Se ele também se for embora, fico sem acólito…

Roberto – E agora que já não tens paroquianas por perto…

João Carlos – Queria ir a Lisboa prestar provas para um concurso.

Honório – Concurso? Qual concurso?

Carlos – Para uma universidade? Para a carreira diplomática?

Honório – Talvez queira ser carteiro, como o pai.

Feliciano – O pai dele era carteiro?

Roberto – Porquê? Pensavas que era padre?

Gina – Não, meteu na cabeça que vai fazer um casting para um programa de televisão.

Carlos – Qual programa?

Roberto – Portugal Tem Talento.

Feliciano – Não me digas!

Honório – Mas que talento é que este imbecil pode ter?

Gina – É contorcionista. Pelo menos é o que ele diz.

Roberto – É verdade que, uma vez, os homens do lixo o encontraram a dormir dentro de um ecoponto amarelo. Por pouco não seguia diretamente para a reciclagem.

Gina – Talvez os pais quisessem livrar-se dos monos…

João Carlos afasta-se para jogar às setas, com uma falta de jeito que pode ser perigosa para os outros. Honório acaba a bebida.

Honório – Bem, acho que o espumante fica para outra ocasião… Tenho um assunto urgente para tratar na junta.

Roberto – Urgente?

Honório – Tenho de responder àquela carta.

Carlos – Ah, sim… A oferta pública de aquisição lançada por Viladeburros das Duas Igrejas sobre Viladeburros da Igreja…

Feliciano – Acompanho-o, senhor Presidente. Também eu tenho de defender a minha paróquia…

O presidente e o padre saem. Gina mostra a garrafa de espumante a Carlos.

Gina – Um copinho de espumante?

Carlos faz um gesto a recusar.

Carlos – Não, obrigado. Ainda nem sequer é meio-dia…

Gina – Então guardo-a no gelo, à espera de uma grande ocasião…

Roberto olha para a entrada do café, surpreendido.

Roberto – Talvez essa ocasião já tenha chegado…

Entram Wendy e Laura. O seu estilo urbano e sofisticado contrasta com o dos habitantes locais. Wendy, uma espécie de estrela deprimida, esconde-se atrás de óculos escuros. Laura veste-se com elegância, mas de forma mais sóbria e menos feminina. Laura é tão deliberadamente otimista e entusiasta quanto Wendy é pessimista, até suicida. Wendy olha à sua volta.

Wendy – Parece que entrei num episódio de A Quinta Dimensão…

Laura – Queres sentar-te cinco minutos?

Wendy não responde e deixa-se cair numa cadeira.

Laura – Bom dia, minhas senhoras e meus senhores… Desculpem interromper esta reunião, mas posso fazer uma pergunta?

Gina – Sim…?

Laura – Onde estamos, exatamente?

Silêncio.

Roberto – Exatamente? Minha senhora, está precisamente em Viladeburros da Igreja.

Laura – Ah, sim, fica…

Carlos – No meio de nenhures…

Laura consulta o ecrã do telemóvel.

Laura – Pois, nem sequer aparece no meu GPS…

Gina – É um cantinho sossegado…

Laura – Isso é… Pensei que estávamos em… Na verdade, acho que nos perdemos…

Carlos – É raro aparecer aqui alguém por vontade própria, sabe…

Laura olha, um pouco assustada, em redor, sobretudo para João Carlos, que continua a jogar às setas sem grande talento.

Roberto – Querem beber alguma coisa?

Laura – Bem… Porque não? Wendy, queres alguma coisa? *(Wendy não responde.)* Dois refrigerantes de cola light, sem gelo, por favor.

Gina – Ainda bem, porque ainda não voltei a ligar a arca congeladora. Com este tempo…

Roberto – A primavera vem muito atrasada este ano.

Carlos – No ano passado só chegou por volta de quinze de agosto. Depois passámos diretamente ao outono.

Gina serve-lhes os dois refrigerantes.

Roberto *(tentando ser simpático)* – Estão de férias pela região?

Laura – Sim… Quer dizer, viemos fazer uma pausa… *(Mais baixo, à parte.)* A minha amiga teve um pequeno esgotamento. Precisávamos de desligar de tudo…

Carlos – Nesse caso vieram ao sítio certo…

Gina – Viladeburros da Igreja é o lugar perfeito para descansar um pouco…

Carlos – Também não há cá grandes tentações…

Laura – Sim, é… É encantador, não achas, Wendy?

Wendy – Hum… Um bom sítio para acabar os dias…

Gina – Temos muitos reformados por aqui…

Wendy – Na verdade, queria dizer um bom sítio para pôr fim aos dias…

Silêncio constrangedor.

Gina – Pensam mudar-se para o campo?

Laura – Ainda não tivemos tempo de pensar nisso, mas… Porque não? Sente-se uma grande serenidade aqui… Como numa igreja…

Wendy – Sim… Ou num cemitério.

Roberto – Só temos uma capela, mas foi toda restaurada. Parece construída ontem…

Laura – A vida em Lisboa é tão stressante… Às vezes perguntamo-nos se não seria melhor viver numa aldeia longe de tudo…

Wendy – Aqui estamos bem longe de tudo… Nem sabemos onde estamos…

Wendy engole vários comprimidos e bebe um gole de refrigerante para os fazer passar.

Laura – Sabes o que disse o médico: nunca mais de um comprimido de cada vez.

Wendy – Tens razão… Acho que vou vomitar…

Carlos – A mim também me aconteceu isso quando aqui cheguei. Depois habituamo-nos, vai ver…

Gina, preocupada com o chão, indica-lhe a casa de banho.

Gina – Por aqui, faça favor…

Wendy sai. Laura parece embaraçada.

Laura – Deve ser da mudança de ares…

Roberto – Aqui respira-se melhor do que em Lisboa.

Laura – Pois, os nossos pulmões estão habituados ao monóxido de carbono. Deve haver um período de adaptação…

Ela espirra.

Carlos – Ou então são os pesticidas que despejam sobre os batatais. Quando não se está habituado…

Laura – Pesticidas?

Carlos – Se alguma vez tiver oportunidade de assistir a isso, verá que é espetacular. É das poucas atrações locais. Quando os helicópteros chegam para despejar os químicos, com a música no máximo, parece que estamos no Apocalypse Now…

Laura – E não faz mal à saúde?

Carlos – Dizem que não, mas… Às vezes pergunto-me se o João Carlos não ficou assim por causa disso… Além da consanguinidade, claro…

Roberto lança-lhe um olhar furioso. Ouve-se ao lado um vómito ruidoso. Momento de embaraço.

Roberto – E o que faz na vida, em Lisboa? Se não for indiscrição…

Laura – Sou jornalista.

Roberto – Jornalista? A sério?

Gina – Vai fazer uma reportagem sobre a região?

Laura – Estamos de férias, mas nunca se sabe… Se encontrar um assunto interessante… Na verdade, estou a pensar escrever um livro…

Roberto – Ah, um livro também é bom…

Gina – O nosso presidente também escreve livros.

Laura – A sério?

Roberto – No caso dele são livros de história.

Gina – E a sua senhora? Quer dizer, a sua amiga? Também é jornalista?

Laura – Não propriamente… É produtora de televisão. *(Confidencialmente.)* A WC Produções é dela…

Gina – WC?

Laura – Nunca ouviu falar de Wendy Crawford? São as iniciais dela…

Roberto – Então trabalha na televisão?

Laura – Conhecem o programa Portugal Tem Talento, claro?

Gina – Portugal Tem Talento? Está a brincar? Se conhecemos!

Laura – Pois é ela a produtora!

João Carlos – Portugal Tem Talento?

Todos os olhares se voltam para João Carlos, de cuja presença já se tinham esquecido. Ele não diz mais nada.

Laura – O programa está no ar há muitos anos. É muita pressão, como imaginam. Ela teve um esgotamento.

Gina – Um burn-out? O que é isso? Uma queimadura de terceiro grau?

Roberto – Um acidente com o churrasco?

Carlos – No tempo em que ainda havia diploma da primária, chamava-se a isso uma depressão nervosa.

Laura – O canal decidiu acabar com o programa. Se não quiser fechar a produtora, a Wendy tem de lhes apresentar alguma coisa mais moderna. Infelizmente, o último programa não correu lá muito bem…

Roberto – Ah, sim…

Laura – Já para não falar do acidente com o submarino no mar Báltico… Devem ter ouvido falar…

Roberto – Sim, eu… Talvez…

Laura – Era um novo formato… Reuniram num submarino amarelo várias celebridades dos anos setenta, todas claustrofóbicas, para as ajudar a enfrentar e superar os seus medos.

Gina – Acho que li alguma coisa sobre isso no cabeleireiro.

Laura – Infelizmente, o piloto do submarino era um antigo piloto de aviões comerciais, um pouco deprimido, e foi ele quem não conseguiu voltar à superfície…

Gina – Que horror… Enfim, o que se há de fazer? É o destino…

Carlos *(com ênfase)* – A grandeza do homem livre está em aceitar o destino sem acreditar na fatalidade.

Laura – É professor de filosofia?

Carlos – Professor primário… Mas neste momento estou de licença…

Laura – Resumindo, a WC está na merda. Resolvi trazê-la para o campo uns tempos, antes que rebente alguma canalização…

Ouve-se outro vómito.

Carlos – Espero ao menos que puxe o autoclismo.

Laura – Talvez, longe de Lisboa, encontre uma ideia para um programa novo. Por enquanto, só lhe apetece largar tudo e começar do zero.

Roberto – Compreendo… Nós também gostaríamos às vezes de começar do zero.

Carlos – Mas, como já estamos a zero há muito tempo, o que queríamos era simplesmente sair daqui…

Laura – Na verdade, estou a pensar escrever um filme biográfico.

Roberto – Um filme biográfico?

Laura – Sobre a WC, para contar a vida dela… A vida de uma produtora de televisão é fascinante. Se encontrássemos um lugar calmo onde ficar uns meses, longe da agitação lisboeta…

Gina – Aqui terão sossego. Quanto a rede móvel e internet, isto é uma zona sem cobertura…

Carlos – Às vezes até nos perguntamos se não vivemos num buraco negro…

Laura – Ou comprar uma casa de campo, porque não? Para criar raízes…

Gina – Aqui criam-se raízes depressa… E depois já ninguém consegue sair…

João Carlos – Querem ver como me consigo esconder num frigorífico?

Gina *(repreendendo-o)* – João Carlos, deixa os clientes em paz…

Momento de hesitação.

Laura – Isto é realmente um sítio muito especial… Nunca vi nada tão…

Roberto – Autêntico.

Laura – Não era bem essa a palavra que procurava, mas…

Roberto – Porque não ficam uns dias na nossa aldeia… ou até mais?

Laura – Também têm quartos?

Roberto – Podemos sempre chegar a acordo…

Gina e Carlos olham para ele, surpreendidos. Wendy regressa.

Laura – Ouviste, Wendy? O senhor propõe alugar-nos um quarto no Café do Comércio. Que achas?

Wendy – Dá-me vontade de voltar a vomitar…

Gina – Quem sabe se não acabam por comprar o café…

Laura – Este café está à venda? Ouviste, Wendy? Não seria engraçado?

Wendy – Pelo menos, os clientes não nos incomodariam…

Roberto – Hoje está um pouco parado, mas os turistas não tardam a chegar…

Gina – Está quase a começar a época alta…

Laura *(admirada)* – Em março? Por causa de…?

Roberto *(sem saber o que responder)* – Quer dizer… Na primavera…

Carlos – Os batatais ficam floridos. É muito romântico, vão ver…

Laura – As batatas… Que curioso… Ouviste, Wendy?

Wendy – Nem sabia que as batatas davam flor. Mas, se quiseres um ramo para o teu aniversário…

Carlos – Ou até um perfume. Batata, de Givenchy. Convenhamos que seria original.

Laura – É verdade que pensamos nas tulipas da Holanda, mas as batatas…

Carlos – De Viladeburros da Igreja.

Laura – Mas a época de floração não deve durar muito tempo…

Gina – Depende das variedades de batatas.

Roberto – Na verdade, há sempre qualquer coisa a florir ao longo do ano.

Carlos – Sobretudo as batatas transgénicas, que são a especialidade de Viladeburros.

Gina – Não se pode dizer que tenhamos uma verdadeira época baixa.

João Carlos aproxima-se.

João Carlos – Também consigo caber num caixote do lixo. Querem ver?

Gina – João Carlos, estás a incomodar a senhora… Vai treinar lá fora, sim? Por acaso, acabei de pôr o caixote na rua.

Roberto põe João Carlos na rua.

Gina – Desculpem-no… É um bocadinho simplório.

Roberto – É um excelente negócio, sabem?

Laura – A Wendy tem razão… Isto está um bocado morto, não está?

Carlos – Desde que construíram a autoestrada e o desvio…

Gina – É por ser hora da sesta.

Wendy – Ainda não é meio-dia… Fazem a sesta cedo por aqui…

Gina – Se tivessem chegado há uma hora, isto estava a abarrotar…

Roberto – Também podem transformá-lo em casa de campo, para receber os amigos de Lisboa. Há um belo apartamento no andar de cima.

Laura – Numa tasca autêntica, seria de morrer a rir, não era?

Wendy – Têm alguma coisa forte?

Gina – Quer provar uma especialidade da terra?

Roberto – Aqui fazemos aguardente de batata.

Carlos – Acredite, a primeira vez é uma experiência única.

Roberto – Como o amor.

Carlos – E, como o amor, às vezes deixa-nos cegos…

Wendy – Acho que vou experimentar.

Roberto serve-lhe.

Laura – Com esses comprimidos, não devias…

Wendy – Temos de morrer de alguma coisa…

Roberto – Então, vai um copinho?

Carlos – A receita foi inventada por um frade que largou os hábitos e que, segundo a lenda, teria desonrado uma dama da corte de Dom Sebastião num palheiro, quando passou pela nossa encantadora aldeia em 1577.

Roberto – A primeira rodada é oferta da casa…

Todos esvaziam os copos.

Laura – Ui, isto é potente…

Wendy – Sabe mesmo a batata.

Carlos – Sim, quando não mata logo, dá-nos uma energia dos diabos.

Roberto – Só produtos naturais.

Carlos – Cem por cento biológico… Pelo menos, bioquímico…

Gina volta a servir.

Gina – A segunda rodada é oferta do Posto de Turismo de Viladeburros da Igreja.

Roberto – Com isto, acreditem, já não precisam de comprimidos.

Wendy – Para quem quer suicidar-se, deve ser bem mais rápido.

Roberto – Mas atenção, é tudo perfeitamente legal.

Carlos – É o presidente que destila este elixir na cave, num alambique clandestino.

Gina – E esta bebida divina é benzida uma vez por ano pelo nosso padre. Um santo homem…

João Carlos regressa com ar aparvalhado, coberto de lixo.

João Carlos – Não consegui entrar no caixote, tio. Já estava cheio.

Roberto – Mas que grande parvo…

Wendy – Talvez ele também queira provar a poção mágica?

Gina – Nem pensar. Ele caiu dentro dela quando era pequeno.

Roberto – Vá, vai brincar lá para fora. Não vês que estamos a conversar?

João Carlos *(desanimado)* – Não quero saber. Um dia vou para Lisboa…

Para surpresa geral, João Carlos começa a cantar uns versos de uma canção conhecida sobre o sonho de triunfar em palco, enquanto ensaia uns passos de dança de revista:

Só de sentir o palco debaixo dos pés

E ver à minha frente o público sentado, o coração dispara

Ninguém me ajudou, não tive sorte

Mas no fundo sei que tenho talento…

João Carlos sai. Os outros nada comentam, talvez convencidos de que alucinaram por causa da aguardente de batata.

Gina – É uma bela região, sabem?

Roberto *(com um olhar insinuante para Laura)* – Que não revela logo os seus encantos, como uma mulher bonita.

Gina – E ser dono de um café é uma bela profissão. O contacto com os clientes, tudo isso.

Roberto *(a Wendy)* – Alegrava-lhe a vida, em vez de ficar fechada num canto a remoer a depressão.

Laura – É um pouco louco, mas podia ter graça, não? Tu querias mudar de vida…

Wendy – Sim, mas… Eu pensava numa vida melhor…

Todos começam a ficar bastante embriagados.

Gina – Vou mostrar-vos o apartamento de cima. Vão ver, é muito acolhedor…

Carlos – E é muito prático. Sem transportes. Basta descer as escadas para ir trabalhar. Nada de comboios suburbanos.

Gina conduz Laura e Wendy até à escada que sobe ao primeiro andar.

Gina – Façam favor, passem primeiro…

Roberto – Cuidado, a escada é um pouco íngreme.

Wendy *(a cambalear)* – Acho que eu também estou um bocado bêbeda.

As três saem.

Roberto – Foi Deus que as mandou…

Carlos – É mesmo um milagre.

Roberto – E acho que elas não ficaram indiferentes à magia do lugar.

Carlos – Ou então é o efeito da aguardente. Uma vez também me deu alucinações.

Roberto – Temos de conseguir que passem cá a noite.

Carlos – Bom, deixo-te. Vou mudar de roupa…

Roberto – Fazes bem, temos de causar boa impressão.

Carlos sai. Honório e Feliciano regressam.

Honório – Quem são aquelas duas jovens encantadoras que vi entrar no teu café?

Feliciano – E o que lhes fizeste?

Roberto – São de Lisboa. A Gina está a mostrar-lhes o apartamento de cima.

Honório – De Lisboa?

Roberto – Uma é jornalista e a outra trabalha na televisão! Estão a ver?

Feliciano – E o que fazem elas lá em cima?

Roberto – Se viessem morar para aqui, podiam fazer de Viladeburros da Igreja uma espécie de aldeia de famosos, como aconteceu com certos sítios do Alentejo! A capital dos citadinos alternativos!

Honório – Achas?

Roberto – Entretanto, estou a tentar impingir-lhes o café.

Feliciano – Isso é que não vai ser fácil…

Honório – Achas mesmo que podiam querer instalar-se aqui?

Roberto – A da televisão parece completamente fora de si, deprimida. A outra também, mas ao contrário.

Feliciano – Como assim, é igual mas ao contrário?

Roberto – Está tão tresloucada como a outra, mas acha tudo maravilhoso! Até Viladeburros da Igreja! Conseguem imaginar?

Feliciano – Mas como vieram elas parar aqui?

Roberto – Foi Deus que as mandou, já vos disse. Estou quase a recuperar a fé! Procuram um lugar sossegado para recuperarem a cabeça e escreverem as memórias.

Honório – Sossegado? Ah, não podiam ter encontrado melhor. Então achas mesmo que…

Entra no café um indivíduo mascarado de Zorro, armado com uma pistola. Mais tarde saberemos que é João Carlos.

João Carlos – Mãos ao ar! Isto é um assalto.

Roberto – Foda-se, só nos faltava isto…

Honório – Um assalto, agora…

Feliciano – Hoje acontecem mesmo coisas em Viladeburros…

Honório – E tu a dizeres que era um sítio tranquilo.

Roberto – O que está a fazer este palhaço? Vai estragar tudo.

João Carlos – O dinheiro, e depressa!

Roberto – Já vai, meu rapaz, não te enerves…

Roberto baixa-se atrás do balcão, tira uma espingarda e aponta-a ao homem, que o ameaça com o revólver.

Feliciano – Ah… Empate!

João Carlos – Eh, não brinques! A minha é de brincar.

Roberto – Eu sei, fui eu que ta dei na primeira comunhão, idiota! Com o fato de Zorro e o relógio de mergulho.

O indivíduo tira a máscara de Zorro. É João Carlos. Roberto guarda a espingarda.

Honório – Mas que grande cretino…

Roberto – As meninas da cidade já vão descer. O que fazemos a este parvo?

João Carlos – Só queria uns trocos para apanhar o comboio e ir ao concurso a Lisboa.

Feliciano – Ao concurso?

João Carlos – Portugal Tem Talento…

Feliciano – Talvez devêssemos chamar a GNR, não?

Honório – Ou o hospital psiquiátrico…

Roberto – Não há tempo. E não vamos assustar as senhoras com a chegada da polícia…

Roberto mostra a arca congeladora a João Carlos.

Roberto – Mete-te aí dentro!

João Carlos – Aí dentro?

Roberto – És contorcionista ou não?

João Carlos – Sou, mas…

Roberto – A senhora da televisão vai ficar impressionadíssima se te conseguires esconder numa arca congeladora…

João Carlos – Achas?

Roberto – Queres participar no programa ou não?

João Carlos – Está bem…

Feliciano – Ao menos não é teimoso…

Honório – Agora já não me admira que os pais o tenham conseguido enfiar num ecoponto amarelo…

João Carlos entra na arca congeladora.

Roberto – Não se preocupem, está desligada. No verão guardamos cá os gelados, mas ainda não é época.

Gina desce com Laura e Wendy. Roberto apressa-se a fechar a tampa da arca.

Roberto – Minhas senhoras, apresento-vos o senhor Presidente, que queria dar-vos pessoalmente as boas-vindas à nossa encantadora freguesia…

Laura – Senhor Presidente… É uma honra.

Honório – Que engraçado, porque justamente me chamo Honório…

Laura – Ah, sim…

Roberto – E este é o nosso padre, que…

Feliciano – Minhas irmãs…

Roberto – …que por aqui passava. Então, gostaram do ninho de amor?

Laura – Sim, é…

Wendy – Como é que lhe chamaram?

Gina – Muito acolhedor.

Laura – Isso mesmo… Acolhedor. Não é, Wendy?

Wendy – Sim, é… É mesmo essa a palavra…

Momento de embaraço.

Roberto – Deve ser muito diferente de Lisboa, claro.

Laura – Por outro lado, como estás à procura de um novo formato de reality show, uns dias aqui permitiam-te reencontrar o Portugal profundo.

Wendy – Mais profundo do que isto só com uma pá… Para escavar a própria sepultura…

Gina – Claro que há alguns arranjos a fazer, para renovar o espaço, mas…

Laura – Podemos pensar no assunto, não é, Wendy?

Wendy – Sim, vamos pensar… Entretanto precisamos de um sítio onde dormir… Estou a cair de sono…

Laura – Sabem se há algum hotel por aqui? Porque aqui, francamente…

Wendy – Como disseram, faltam algumas obras… Como instalar uma casa de banho, por exemplo…

Honório – Infelizmente, só temos a sede da junta… e uns quartos de turismo rural. Mas teria todo o prazer em…

Feliciano – Por uma ou duas noites, posso oferecer-vos alojamento na casa paroquial.

Laura – Na casa paroquial? O que é isso?

Feliciano – Sou o humilde pastor deste rebanho de pobres pecadores.

Laura – Um pastor de pescadores?

Wendy – Ele está a tentar explicar-te que é padre…

Laura – Ah, o pároco, claro! Já nos tinha dito. É que, como não está vestido de…

Feliciano – O hábito não faz o monge…

Laura – Mas é muita gentileza sua… Quer dizer, uma casa paroquial… Que maravilha, não é?

Wendy – Pois, passar a noite numa casa paroquial deve ser uma coisa que toda a mulher devia experimentar pelo menos uma vez na vida…

Feliciano – É a coisa mais natural do mundo. Caridade cristã.

Laura – E na casa de um padre, que risco corremos?

Roberto – Isso… As senhoras é que sabem…

Honório – Pronto, fica combinado. Vão ver que não se arrependem…

Feliciano – Se me quiserem acompanhar…

Laura e Wendy seguem Feliciano até à saída. Cruzam-se com Carlos, que regressa vestido de mulher. Laura não o reconhece. Wendy olha-o desconfiada.

Laura – Minha senhora…

Carlos *(a Wendy)* – Parece que os ares daqui já lhe fizeram bem…

Wendy *(a Laura)* – Tens a certeza de que não nos estão a levar para o motel do filme Psico?

Saem os três.

Roberto – Uma jornalista e uma produtora de televisão! É uma oportunidade única!

Honório – Achas mesmo que essas duas citadinas vão comprar um café falido em Viladeburros da Igreja?

Gina – Há muitas estrelas que compram cafés e restaurantes para fazerem deles o ponto de encontro das celebridades.

Honório – Sem falar dos que se instalam no campo para reencontrar as suas raízes rurais…

Gina – Há estrelas que fazem azeite no campo. E o Brad Pitt produz vinho.

Carlos – Mas, curiosamente, não conheço uma única celebridade que cultive batatas transgénicas.

Gina – Seria uma estreia…

Roberto – Tens razão, provavelmente não vão comprar esta tasca decadente. Mas trabalham na imprensa e na televisão! Podiam falar da nossa aldeia e torná-la conhecida.

Honório – Não sei o que é que poderia interessar-lhes aqui…

Gina – Havemos de encontrar alguma coisa. Em Portugal há imensas aldeias sem encanto especial que são conhecidas por alguma razão…

Honório – A sério?

Roberto – Por exemplo, Belém e Fátima!

Honório – Em Fátima tiveram as aparições da Virgem…

Gina – E em Belém, na Palestina, tiveram Jesus Cristo.

Carlos – Em Viladeburros da Igreja só temos o João Carlos…

Roberto – O importante é encontrarmos maneira de aparecer nas notícias! Isso atraía gente.

Gina – Pelo menos as pessoas saberiam onde ficamos no mapa.

Carlos – E já ninguém falaria em anexar-nos à freguesia vizinha!

Honório – Mantínhamos o nosso presidente, o professor, o padre…

Gina – E nós voltávamos a ter clientes!

Roberto – Para já, precisamos é de arranjar uma ideia que as faça ficar cá.

Gina – Pelo menos por uns tempos…

Carlos – Tempo suficiente para as convencer de que o sítio mais animado de Viladeburros da Igreja não é o cemitério no Dia de Todos os Santos…

Honório – Pois… Precisávamos de trazer gente para dar vida a isto… Mas como?

Ficam a pensar.

Roberto – Uma happy hour?

Carlos – Não há um cliente num raio de vinte quilómetros… Quem faz quarenta quilómetros para beber um segundo copo de aguardente de batata de borla?

Honório – Se sobreviver ao primeiro…

Gina – Bom, deixo-vos a pensar… Vou fazer compras. Se vamos ter clientes, preciso de repor as provisões… E não é aqui ao lado…

Gina sai. Feliciano regressa.

Honório – Então?

Feliciano – Deixei-as no jacuzzi…

Roberto – Pensei que era um tanque ornamental…

Feliciano – Seja como for, parecem estar a gostar…

Honório – Não vamos imaginar já que se vão mudar para cá.

Roberto – Já temos os meios de comunicação. Só falta encontrar algo que ponha Viladeburros nas notícias…

Feliciano – Podíamos organizar uma festa popular?

Roberto – Porra, com isso… E porque não uma procissão?

Carlos – Não, o que precisamos é de um acontecimento insólito, daqueles que dão notícias sensacionalistas.

Honório – Tens razão! Se os jornais falassem disso, podia atrair muita gente.

Carlos – Basta pensar em Pompeia: depois de ser soterrada pelas cinzas de um vulcão, tornou-se um destino turístico imperdível. Quase um local de peregrinação!

Roberto – Pois, mas é pouco provável que um vulcão entre em erupção aqui perto…

Carlos – Também não há hipótese de cair cá um avião. Nem os aviões sobrevoam Viladeburros da Igreja.

Feliciano – Só os aviões que despejam pesticidas nos batatais.

Carlos – E nenhum piloto de linha é suficientemente deprimido para vir despenhar-se de propósito aqui…

Honório – Temos de enfrentar a realidade… O nosso caso é mais um filme de baixo orçamento. Precisamos de algo menos grandioso, mas muito invulgar…

Feliciano – Um acidente…

Roberto – Ou mesmo um crime horrível…

Feliciano – Não vamos matar alguém e cortar-lhe o corpo aos bocados só para atrair visitantes a Viladeburros da Igreja!

Honório – Acabámos de escapar a um assalto, talvez seja uma pista.

Carlos – Um idiota com uma pistola de plástico e máscara de Zorro… Duvido que isso chegue para abrir os telejornais nacionais…

Ouvem-se pancadas.

Roberto – Merda, esquecemo-nos do João Carlos na arca…

Roberto abre a arca congeladora e ajuda João Carlos a sair.

João Carlos – Então? Como é que estive?

Roberto – Muito bem, muito bem…

Carlos – Ainda bem que a arca estava desligada.

Honório – Pois…

Roberto – Meu Deus! Acabaste de me dar uma ideia!

Feliciano – Estás a assustar-me…

Roberto – Estão a pensar no mesmo que eu?

Carlos – Realmente, um cadáver encontrado numa arca congeladora…

Honório – Isso, uma arca congeladora… E está dentro do nosso orçamento…

Feliciano – Acham que encontrar um cadáver dentro da arca de um café de aldeia é um bom argumento turístico?

Carlos – Basta inventar uma boa história à volta.

Roberto – Já estou a ver a manchete do jornal.

Honório – Acidente dramático em Viladeburros da Igreja: fã do programa «Portugal Tem Talento» morre congelado ao ensaiar para o concurso!

Roberto – Isso é que ia agradar às nossas amigas da televisão!

Todos olham para João Carlos.

João Carlos – O quê? Que foi que eu fiz?

Feliciano – Mas estão loucos? Não vamos sacrificar este pobre inocente só para fazer publicidade à aldeia…

Roberto – Não, ele não estaria realmente morto. Quer dizer, não completamente.

Feliciano – Como assim, não completamente?

Roberto – João Carlos, gostavas de ficar famoso?

João Carlos – Famoso, tio? Queres dizer aparecer na televisão?

Roberto – Sim… Talvez até no Público ou no Correio da Manhã.

João Carlos – E o que tenho de fazer?

Honório – Quase nada…

Carlos – Só tens de estar morto.

João Carlos – Não, eu quero ficar famoso enquanto estiver vivo!

Roberto – Preferes isso ou que chamemos a polícia? Um assalto à mão armada, sabes quantos anos de prisão pode dar?

João Carlos – Não. Quantos?

Roberto – Não sei, mas não é essa a questão.

Honório – E também não vais estar mesmo morto.

Roberto – Não pomos a arca na temperatura mínima.

João Carlos parece hesitar.

João Carlos – E dás-me dinheiro para o bilhete de comboio para Lisboa?

Roberto – Prometo, João Carlos. Confias no teu padrinho ou não?

João Carlos – Está bem… Mas não percebi: quanto tempo vou estar morto?

Honório – No princípio, estarás morto.

Roberto – Mas depois já não.

João Carlos – Como Jesus, não é, senhor Padre?

Feliciano – Isso mesmo… Como Jesus…

Carlos – Vai correr tudo bem, vais ver…

Honório – E no fim ressuscitas, como Jesus.

Carlos – Filmamos tudo e publicamos no YouTube. Vai ser de morrer!

Feliciano – Vais dar que falar, meu irmão. Vai tornar-se viral!

Roberto – João Carlos, chegou o momento de nos mostrares o teu incrível talento…

João Carlos – Bom, está bem…

João Carlos volta a entrar na arca. Carlos filma com o telemóvel. Roberto liga a arca à corrente.

Feliciano – Vão mesmo ligá-la?

Roberto – Não te preocupes, vou pô-la no mínimo. Ficará apenas com uma ligeira hipotermia. Assim parece mais verdadeiro.

Honório – Só um bocado gelado. Não é uma grande diferença para ele…

Roberto – Vou pô-la no dois…

Feliciano – E se morrer a sério? Já pensaram nisso? Tu é que vais ser acusado de homicídio, Roberto! A arca é tua!

Honório – Não vai morrer! Na pior das hipóteses apanha uma grande constipação.

Carlos – No máximo, dois dedos congelados. Como os alpinistas que vão ao Himalaia. Quem quer ser herói tem de fazer sacrifícios…

Feliciano – Sim, mas aqui trata-se apenas de ficar fechado numa arca…

Carlos – Entre nós, para o que ele usa os dedos… Se lhe cortarem dois ou três, ainda lhe sobram bastantes para meter no nariz…

Roberto – É só o tempo necessário para fazer barulho e pôr a nossa aldeia nas notícias.

Carlos – Mas a polícia vai perceber que ele não está morto!

Roberto – Pois… Esse talvez seja o ponto fraco do plano.

Honório – A polícia? Sabes bem como eles são! Com um copinho a mais, até confundiam a tua mulher com a Miss Portugal…

Roberto olha-o, ameaçador.

Roberto – Não sei como interpretar isso…

Carlos – Quer dizer que, sóbrios, a confundiam com a Miss Universo.

Roberto – Pomos-lhe uns cubos de gelo por cima, para parecer mais verdadeiro…

João Carlos põe a cabeça de fora da arca.

João Carlos – Estou bem penteado?

Roberto – Estás ótimo, não te preocupes.

João Carlos – E a minha t-shirt?

Carlos continua a filmar.

Roberto – Vá, volta para a tua caixa. A Gina não tarda a regressar…

João Carlos – Não está muito quentinho aí dentro.

Roberto – É uma arca congeladora, idiota!

João Carlos – E também não há muita luz…

Feliciano – Sempre me perguntei se a luz do frigorífico se apaga mesmo quando fechamos a porta.

Carlos – Era melhor perguntar-se se existe vida depois da morte…

Honório – Desta vez teremos uma testemunha ocular… Se conseguirmos descongelá-la…

Roberto – Na pior das hipóteses, a jornalista pode sempre escrever um artigo sobre o assunto…

Carlos – Já ouço o apresentador do telejornal da hora do almoço: «Sempre se perguntou se a luz se apaga mesmo quando fecha a arca congeladora? Um corajoso habitante de Viladeburros da Igreja aceitou fazer uma experiência insólita para responder definitivamente a essa pergunta angustiante…»

João Carlos – No telejornal? Está bem, já volto para dentro…

João Carlos entra na arca. Roberto despeja lá dentro o conteúdo de um balde de gelo.

Feliciano – Quanto tempo o vão deixar lá?

Honório – Uma noite chega.

Roberto – Não vamos dizer nada à Gina. Assim será ela a descobri-lo amanhã de manhã. Fica mais convincente. Ela é péssima atriz…

Honório – Não te preocupes, Feliciano. Estás a ver: se houver algum problema, ele sai sozinho…

Roberto – Agora é melhor irem-se embora antes que a Gina volte. Também não são grandes atores…

Saem todos. Gina regressa com as compras e começa a arrumá-las.

Gina – Vou tratar dos gelados antes que derretam… *(Guarda os gelados na arca sem ver João Carlos.)* Tenho de ligar a arca… Ah, o Roberto já se lembrou… Mas deixou-a

muito fraca… Vou pô-la no dez… *(Fecha a tampa da arca e coloca em cima um saco de batatas que trouxe.)* Bem, amanhã trato das batatas fritas. Estou de rastos…

Prepara-se para sair, mas lança um último olhar à arca.

Gina – Engraçado… Sempre me perguntei se a luz da arca se apaga quando fechamos a tampa… Enfim…

Apaga a luz e sai. Ouvem-se pancadas vindas da arca.

Escuro.

Passagem da noite. Pode haver intervalo.

Ato II

Luz. Gina entra a bocejar e prepara o café para abrir, como todas as manhãs. Tira o saco de batatas de cima da arca e começa a descascar algumas para fritar.

Gina – Batatas fritas, batatas fritas, batatas fritas…

Roberto entra.

Roberto – Bom dia, querida. Dormiste bem?

Ela olha para ele, espantada.

Gina – O que tens? Estás doente?

Roberto – Não, não, estou ótimo. O que estás a fazer?

Gina – Não estás a ver? A descascar batatas.

Roberto – Ah, sim… Muito bem…

Gina – Vou congelar umas batatas fritas. Assim temos para o verão inteiro…

Roberto – Queres que te ajude a descascá-las?

Gina olha de novo para ele, desconfiada.

Roberto – Assim podes preparar o pequeno-almoço das senhoras de Lisboa…

Roberto começa a descascar as batatas. Gina olha-o, estupefacta.

Gina – Tens a certeza de que estás bem?

Roberto – Claro. Porquê?

Gina – Nunca te tinha visto a descascar batatas.

Roberto *(olhando para a porta)* – Olha, aí vêm elas…

Gina – Pequeno-almoço… E porque não um brunch?

Laura e Wendy entram.

Roberto – Bom dia, minhas senhoras! Dormiram bem?

Laura – Como uma pedra!

Wendy não responde, mas a noite não parece ter-lhe feito grande bem.

Roberto – Eu bem vos dizia, acabavam por criar raízes.

Wendy – Entretanto, queria um chá com limão.

Laura – O mesmo para mim.

Gina – Já vou preparar…

Gina prepara o chá.

Laura – Têm croissants?

Gina – Não… Mas posso fazer batatas fritas, se quiserem. São fresquinhas…

Wendy – Obrigada, dispenso…

Gina – Dois chás com limão, já saem… Mas aviso que não temos limão.

Laura – Desde que a água esteja quente, está ótimo…

Roberto – Não se preocupem. De qualquer forma, aqui fervemos sempre a água… Por precaução…

Gina – Enquanto a água aquece, vou verificar se a arca está suficientemente fria para congelar as batatas…

Roberto abre um sorriso parvo.

Roberto – Sentem-se, por favor. Não demora…

As duas lisboetas sentam-se a uma mesa.

Wendy *(à parte, para Laura)* – Tens razão, não vamos ficar aqui muito tempo… É típico, mas parecem todos um bocado degenerados…

Laura – É verdade que ontem à noite, quando o padre se juntou a nós no jacuzzi, foi um bocadinho estranho…

Wendy – Se ao menos tivesse vestido um fato de banho…

Roberto continua a descascar batatas.

Roberto – Acho que hoje vai estar um belo dia.

Elas sorriem educadamente.

Wendy – Olha para ele, com aquela faca enorme, a cortar batatas transgénero…

Laura – Transgénicas, queres tu dizer.

Wendy – Quantos clientes de passagem já terá degolado com ela? Como se chamava este café? A Estalagem Vermelha?

Laura *(rindo nervosamente)* – Para, ainda me vais meter medo…

Wendy – Onde será que escondem os corpos?

Laura – Na cave, talvez…

Wendy – Ou na arca congeladora.

As duas abafam um riso nervoso.

Laura – Vá… Bebemos o chá e vamos embora…

Laura sobressalta-se ao ouvir o grito de Gina, que acaba de abrir a arca.

Gina – Meu Deus! Que horror é este?

Roberto *(fingindo surpresa)* – Que se passa?

Gina – Está um cadáver na arca!

Roberto – O quê?

Laura olha para Wendy, horrorizada.

Roberto *(fingindo mal a surpresa)* – Um cadáver? Mas quem é?

Gina – Não sei… Nem tive coragem de olhar! Vi só dois olhos a fixarem-me através dos cubos de gelo!

Carlos entra.

Carlos – O que se passa?

Roberto – A Gina encontrou um cadáver na arca!

Carlos – Não pode ser! Alguém conhecido?

Roberto – Ainda não sabemos…

Carlos filma com o telemóvel.

Laura – Esta gente é doida… Anda, vamos embora…

Wendy – Não, espera! Agora que isto começa a ficar interessante…

Gina – Temos de chamar a polícia…

Roberto – Que situação…

Wendy – Posso receber o meu chá, entretanto?

Roberto – Trato já disso… The tea must go on…

Gina pega no telefone.

Gina – Sim, é da esquadra? Têm de vir imediatamente. Tenho carne fria na arca. Não, não é um bebé. Acha que vos incomodava por tão pouco?

Roberto serve o chá.

Roberto – Com um pouco de leite?

Gina – Sim, em Viladeburros da Igreja. Onde fica? Digamos, ao quilómetro vinte e dois entre Viladeburros das Duas Igrejas e Viladeburros da Fonte… Obrigada, ficamos à espera…

Roberto – Então?

Gina – Vão enviar imediatamente dois especialistas da polícia científica…

Laura – Polícia científica? Parece que entrámos numa má série policial…

Carlos – Porque será que esta expressão soa a pleonasmo…?

Wendy – CSI Viladeburros da Igreja… Realmente, não soa tão bem como CSI Miami…

Laura – Acho que esta aldeia vai finalmente aparecer no jornal regional…

Wendy – Como dizia Andy Warhol, toda a gente tem direito a quinze minutos de fama…

Honório e Feliciano entram.

Honório – Então, minhas senhoras, está tudo a correr bem?

Carlos – Acabámos de encontrar um cadáver na arca congeladora.

Feliciano – Um cadáver? Queres dizer um cadáver humano?

Carlos – Claro, não é carne de vaca dividida em hambúrgueres congelados.

Gina abre novamente a arca.

Gina – Vejam! Deixou uma carta na tampa da arca, por dentro…

Feliciano – Uma carta?

Roberto – Não pode ser!

Gina – Na verdade, é uma mensagem gravada no gelo. Talvez uma carta de despedida…

Honório – Então foi suicídio?

Carlos – Que eu saiba, seria a primeira vez que alguém se suicidava fechando-se voluntariamente numa arca congeladora.

Honório – Pois… Numa sauna acho que já aconteceu, mas numa arca…

Carlos aproxima-se da arca.

Carlos – Ou então deixou uma mensagem para dizer à polícia o nome do assassino…

Honório – Não…

Roberto *(a Gina)* – Então lê!

Gina – Está cheia de erros ortográficos…

Carlos – Que estranho… Porque será que não me surpreende?

Gina – Tenho dificuldade em perceber o princípio…

Feliciano – Talvez o professor consiga decifrar esses gatafunhos. Está habituado.

Carlos olha para dentro da arca.

Carlos – Esta letra é-me estranhamente familiar…

Roberto – Então?

Carlos – Esperem, deixem-me ver… Ah, já está: «Roberto matou-me»… *(Todos ficam consternados e olham para Roberto.)* Estou a brincar!

Gina – Vá lá, senhor Professor, não é altura para brincadeiras.

Carlos – Vamos ver… *(Lendo.)* «Tenho um talento incrível… mas estou a ficar gelado até aos ossos.»

Todos se entreolham, consternados.

Ato III

Ouve-se o ruído das pás de um helicóptero.

Feliciano – Que é aquilo? Os aviões dos pesticidas normalmente não aparecem nesta altura do ano…

Entram Ramires e Sanches, os dois polícias. Parecem mais uns provincianos do que membros de uma unidade de elite. Ramires, o comissário, pode lembrar vagamente Columbo.

Roberto – Ah, cá está a polícia científica…

Gina – Ena, foram rápidos.

Carlos – São forças especiais. Devem tê-los lançado de paraquedas…

Ramires – Comissário Ramires. Este é o inspetor Sanches. Viemos de helicóptero para chegar mais depressa, mas foi difícil encontrar esta maldita aldeia.

Sanches – Lá de cima, seguíamos a estrada para nos orientarmos. Mas acaba no meio de um batatal.

Honório – Ah, é a antiga estrada nacional. Foi desclassificada e transformada em caminho municipal quando construíram a autoestrada.

Roberto – E isso fez muito mal aos negócios de Viladeburros, pode crer.

Ramires – Negócios? Quais negócios?

Sanches – Nem sabíamos que ainda vivia gente aqui.

Feliciano – Antes da guerra ainda havia uma mercearia… Pelo menos é o que dizem…

Honório – Agora vamos uma vez por mês ao hipermercado e metemos tudo no congelador.

Ramires – Ah, precisamente… Então, onde está a arca?

Sanches – «Where is the body?», como dizem os nossos colegas americanos…

Roberto – É por aqui. Mas ainda têm tempo para beber qualquer coisa, não?

Gina – Aviso já que não é nada bonito de ver…

Ramires – Não sei se… É assim tão mau?

Honório – Está dentro da arca! Não se vai estragar…

Ramires – Nesse caso… Um copinho, então, para ganhar coragem, não é, Sanches?

Roberto – Minhas senhoras, também querem? Para substituir o limão do chá?

Wendy – Porque não…

Laura – A esta altura…

Roberto despeja uma dose em cada chávena e afasta-se. Laura observa a sua.

Laura – Reparaste? O chá ficou transparente como água.

Wendy – Pois ficou…

Laura – Pode ser tóxico.

Wendy – Ou talvez se tenham esquecido de pôr chá na água quente.

Laura – De qualquer modo, a água voltou a ferver…

Trocam um olhar preocupado.

Ramires – Não é nada mau…

Sanches – Sente-se bem a descer.

Ramires – Acorda-nos…

Sanches – Estou a ver tudo um pouco turvo. É normal?

Carlos – Não se preocupe, geralmente passa.

Feliciano – Registaram-se alguns casos de cegueira permanente, mas são raríssimos.

Sanches – Bem, isto é uma droga pesada…

Ramires – Desde que seja legal…

Sanches – Também desentope os brônquios.

Ramires – Isto não é inflamável, pois não?

Carlos – Conheço um cuspidor de fogo que o usava em vez de gasolina sem chumbo, porque era mais barato.

Roberto – Ao preço a que está a gasolina…

Honório – Às vezes ponho um pouco no meu todo-o-terreno e nunca notei que andasse pior.

Ramires – Pois… Nunca bebi gasóleo, mas deve ter um sabor semelhante.

Feliciano – Depois disto, até um desentupidor de canos nos pareceria água benta.

Todos acabam as bebidas.

Ramires – Então, onde está o cadáver humano?

Roberto – Por aqui, senhor Comissário, faça favor…

Ramires – Vá lá, Sanches. Sabe que me faz muito mal ver mortos. *(Aos outros.)* Se algum dia deixar esta profissão, há de ser por causa disso…

Roberto abre a arca. Carlos filma.

Sanches – Ui, está duro como madeira.

Honório – Perdão?

Sanches – Venha ver, chefe.

Ramires – Não, não, confio em si.

Roberto, Honório e Feliciano aproximam-se para verificar.

Feliciano – Meu Deus, está mesmo congelado…

Ramires – Parece surpreendido, senhor Padre… E, no entanto, está habituado a ver cadáveres…

Roberto – Não percebo! Tinha posto a arca no mínimo…

Roberto, Honório, Feliciano e Carlos ficam consternados.

Gina – Fui eu que a pus no dez ontem à noite, para congelar as batatas fritas esta manhã…

Sanches – E se for um caso de bebés congelados, chefe?

Ramires – É um bebé?

Sanches – Não. Parece mais um rapaz de vinte anos…

Ramires – Então?

Sanches – Pode ter sobrevivido até essa idade a comer o que havia na arca. Quando acabaram as provisões, morreu de fome.

Ramires – É uma pista interessante, Sanches… O que havia nesta arca?

Gina – Nada. Esteve desligada o inverno inteiro…

Ramires – Estou a ver…

Sanches – Chefe, acho que também tentou desenhar qualquer coisa na tampa.

Ramires – Não diga! Isso já tenho de ver…

Ramires aproxima-se.

Ramires – Realmente… Isto parece a gruta de Lascaux… Que significa?

Sanches – Não sei… Parecem hieróglifos…

Ramires – Fotografe tudo isso, Sanches. Depois feche a tampa antes que derreta. Mandamos as fotografias a um egiptólogo para as analisar.

Sanches – Para quê, chefe?

Ramires – Para traçar o perfil psicológico da vítima.

Sanches – Geralmente procura-se traçar o perfil do assassino…

Ramires – Não comece a baralhar-me, Sanches. Quer ensinar-me a fazer o meu trabalho?

Sanches – Nem pensar, chefe. Vou já tirar as fotografias…

Ramires – Pedimos ao laboratório uma datação por carbono 14. Sabendo quando morreu, poderemos formular hipóteses sobre as circunstâncias da morte…

Roberto – Não nos diga que suspeita de nós, senhor Comissário?

Ramires – Foi em sua casa que encontraram o corpo.

Gina – Mas fomos nós que chamámos a polícia!

Ramires – Ficaria espantada com a quantidade de assassinos que chamam a polícia depois do crime.

Honório – E, na sua opinião, senhor Comissário, há quanto tempo terá morrido?

Ramires – O problema dos congelados é que nunca se sabe. Este tipo tanto pode estar aqui desde ontem como há seis mil anos.

Sanches – Espero que todos tenham um bom álibi para o período entre o Jurássico e o Cretácico…

Gina – Mas estou a dizer-lhe que a arca só foi ligada ontem à noite…

Sanches – Que fazemos, chefe? Tiramo-lo da arca?

Ramires – Para já está bem aí. Sabe que com os congelados devemos evitar a quebra da cadeia de frio…

Sanches – Então que fazemos, patrão?

Ramires – O que lhe deu, Sanches?

Sanches – O quê, patrão?

Ramires – Até agora chamava-me chefe. Porque começou a tratar-me por patrão? Não gosto dessas familiaridades.

Sanches – Desculpe, chefe. Tem razão.

Ramires – Não estamos num episódio do Inspetor Columbo, Sanches. Representamos a elite da polícia: a polícia científica!

Sanches põe-se em sentido.

Sanches – Sim, meu chefe!

Ramires – Descansar.

Sanches – Então que fazemos, patrão?

Ramires – Faça antes uma busca a este casebre… *(À parte.)* E não hesite em virar tudo do avesso, mesmo sem necessidade. Impressiona sempre os suspeitos.

Sanches – Sim, chefe.

Sanches começa a revistar o café, mexendo em tudo e fazendo o máximo de barulho possível.

Ramires *(a Gina)* – Então, minha senhora, foi a última pessoa a ver a vítima viva?

Gina – Bem… Não. Fui a primeira a vê-la morta.

Ramires – Era exatamente isso que queria dizer. Foi a senhora que descobriu o corpo. Portanto, é a principal suspeita.

Roberto – Mas, senhor Comissário!

Ramires – O senhor, aconselho-o a ficar calado. Só fala quando lhe perguntarem, entendeu?

Sanches – Chefe, acho que encontrei a arma do crime.

Tira de trás do balcão a pistola de plástico que Roberto confiscou a João Carlos.

Ramires – É de brincar, Sanches. Não está a ver?

Sanches – Tem razão, chefe… E a vítima também não morreu com um tiro…

Ramires – Isso só a autópsia pode confirmar. Podem tê-lo matado com este revólver e depois metido o corpo a refrescar na arca.

Sanches – Mas foi o senhor que disse que a pistola era de plástico…

Ramires – Não volte a baralhar-me, Sanches. *(Fica imóvel, como se tivesse uma visão.)* Acabo de ter um pressentimento… E parece-me que este caso é muito mais complicado do que parece.

Sanches – Para mim já parecia bastante complicado…

Carlos – Cuidado, senhor Comissário, esse clarão talvez seja efeito da aguardente de batata…

Sanches continua a revistar o café.

Sanches – Também temos isto.

Tira a espingarda de caça.

Ramires – Esta espingarda é sua?

Roberto – O quê? Agora é proibido caçar?

Ramires – Não… Mas é suspeito. Quem rouba um ovo rouba um boi. Quem mata um javali é capaz de cometer um homicídio. Há alojamento lá em cima?

Roberto – Há.

Ramires – Venha, Sanches, vamos dar uma olhadela… *(Olhando para as duas lisboetas.)* Isto cheira-me a casa de passe…

Sanches – Entretanto, ninguém sai daqui, entendido?

Ramires *(a Gina)* – A senhora, que deve ser a alcoviteira, vá à frente.

Gina – Se quiser fazer o favor de me seguir, senhor Comissário…

Ramires indica com a cabeça as duas lisboetas.

Ramires *(a Sanches)* – Depois interrogamos as duas prostitutas.

Laura e Wendy trocam um olhar indignado. Os polícias saem com Gina. Roberto, Honório e Carlos parecem preocupados. Esqueceram-se da presença das duas lisboetas, que assistiam em silêncio a tudo aquilo.

Roberto – Só nos faltava isto… Agora temos um morto em cima de nós.

Honório – Temos? Eu não fiz nada!

Roberto – O quê? Estávamos todos de acordo!

Carlos – Na verdade, a ideia foi mais tua, Roberto…

Wendy e Laura ficam espantadas.

Laura – Então vocês sabiam?

Wendy – São todos cúmplices!

Laura – Cúmplices de um crime horrível…

Os outros voltam-se para elas, apanhados em falta.

Honório – Não… Não é nada daquilo que pensam…

Carlos – As aparências enganam…

Feliciano – E talvez tenham interpretado mal as nossas palavras…

Honório – No máximo, foi um homicídio por negligência.

Roberto – Para não dizer um acidente de trabalho.

Laura – Foram vocês que meteram aquele homem na arca, sim ou não?

Carlos – É um pouco mais complicado…

Roberto – Era só para animar um bocadinho a aldeia.

Honório – Para vos mostrar que também acontecem coisas em Viladeburros da Igreja.

Carlos – Para terem assunto para escrever um artigo sobre nós.

Feliciano – No fundo, até queríamos fazer-vos um favor.

Honório – Infelizmente, as coisas correram mal.

Laura – São todos malucos, já te disse…

Roberto – Mas não nos vão denunciar à polícia, pois não?

Laura – Vamos, Wendy. Vamo-nos embora…

As duas levantam-se. Os polícias descem nesse momento com Gina.

Ramires – Ninguém sai daqui sem a minha autorização.

As duas lisboetas voltam a sentar-se.

Ramires – Que acha, Sanches?

Sanches – Sim, é muito acolhedor…

Ramires – Não estou a falar da decoração, idiota! Estou a falar da investigação!

Sanches – Ah, desculpe… O que acho, patrão… Sinceramente…

Ramires – Pois… Mais uma vez terei de descobrir sozinho a chave do enigma, seguindo apenas o meu instinto. *(Volta-se para os outros e percebe o embaraço.)* E o meu instinto diz-me que estes idiotas têm todos cara de culpados. Acredite na minha experiência, Sanches.

Sanches – Tem razão, chefe. Diria até mais: cara de assassinos…

Feliciano – Mas, meus senhores, por favor! Estão a falar com um ministro do culto.

Ramires – Não se deixe impressionar, Sanches. Na hierarquia católica, um ministro do culto é como um cabo na hierarquia militar: um título pomposo para um simples subordinado do baixo clero.

Honório – Senhor Comissário, eu sou o primeiro magistrado desta freguesia.

Sanches – Pois é. E eu sou um agente da autoridade. Porque não um capacete azul da ONU?

Ramires *(a todos)* – Chega de brincadeiras. Se têm alguma coisa a dizer, seus campónios, digam agora.

Roberto – Bem…

Honório – Quer dizer…

Carlos – Não estou a ver…

Sanches – Eu suspeitaria do padre, patrão. Tem ar de santo, mas também de chulo…

Ramires – Muito bem. Já que ninguém quer confessar nada, vamos identificar o cadáver. Talvez isso vos refresque a memória…

Abre a tampa da arca.

Gina – Esperem, vou tirar as batatas fritas…

Ramires *(a Roberto)* – Anda cá. Reconheces a vítima ou não?

Roberto – Com aquela camada de gelo na cara, como posso saber?

Sanches – Também não vamos ficar à espera do degelo…

Ramires repara nas duas lisboetas.

Ramires – Então vamos fazer de outra maneira… Quem são estas duas oferecidas?

Sanches – São proxenetas nas horas vagas, para ganhar uns trocos?

Roberto – São turistas de passagem, senhor Comissário.

Ramires – Turistas? Quer fazer-me engolir essa história? Os últimos turistas que aqui vimos eram franceses. Vinham com uniformes e águias imperiais e foram-se embora ao fim de uma semana, tão deprimidos ficaram. Se todas as aldeias portuguesas fossem como a vossa, a ocupação napoleónica não teria durado muito tempo…

Sanches – Isto é cada vez mais suspeito, chefe.

Gina – O que sei é que, antes de estas duas mulheres chegarem, isto era uma aldeia sem história.

Carlos – E quase sem geografia.

Laura – Mas que grande descaramento!

Ramires – Vocês as duas, tragam cá esses rabos.

Laura aproxima-se, seguida de Wendy. Ramires obriga Laura a enfiar a cabeça na arca.

Ramires – Também não conhecem a vítima?

Laura – Que horror!

Wendy também olha.

Wendy – A cara dele diz-me qualquer coisa…

Sanches – Deve ser da terra, chefe. Parece um pouco atrasado. E ninguém vem parar a este buraco por acaso.

Ramires observa novamente as duas lisboetas.

Ramires – Turistas…

Roberto – Garanto-lhe, senhor Comissário. São de Lisboa. Uma trabalha na imprensa, outra na televisão.

Ramires – Pode-se ser prostituta e trabalhar na televisão. Que acha, Sanches?

Sanches – Eu apostava numa história de sexo.

Ramires *(a Honório)* – Era amante da tua mulher, não era? Foi por isso que o mataste?

Honório – Não sou casado, senhor Comissário.

Sanches – Que pena. Podias alegar crime passional…

Ramires *(a Roberto)* – Então és tu o corno?

Sanches – Tem mesmo ar de corno.

Roberto – Não, de maneira nenhuma! Quer dizer, sim, mas… É o padre que é amante da minha mulher!

Ramires – Estou a ver… *(Volta-se para as duas lisboetas.)* E vocês não viram nada, claro. Para jornalistas, não são muito observadoras…

Laura – Na verdade, vi uma coisa. Pela janela do andar de cima, pareceu-me ver um homem vestido de Zorro a entrar no café.

Sanches – Zorro?

Ramires – Que estavam vocês a fazer lá em cima?

Sanches – Talvez estivesse a dormir com o dono do café…

Wendy – A senhora estava a mostrar-nos o apartamento que tem para venda.

Ramires – Portanto, viram o Zorro entrar no Café do Comércio… *(Ironicamente.)* Talvez seja ele o assassino, não é, Sanches? Veja se esse Dom Diego de la Vega já está fichado na polícia…

Sanches – Sim, chefe… Pode repetir-me o nome?

Ramires suspira.

Laura – Queria dizer um homem mascarado, senhor Comissário.

Wendy – Talvez tenha sido um assalto que correu mal?

Laura – Podiam sempre alegar legítima defesa.

Ramires – Querem fazer a investigação por mim?

Laura – De maneira nenhuma, senhor Comissário.

Wendy – Embora, entre nós, eu ache que assim avançava mais depressa…

Ramires – Sanches, vai recolher uma amostra de ADN para identificar a vítima…

Sanches – Já trato disso, chefe…

Ramires – E amostras de ADN de todos os suspeitos.

Sanches – Para quê, chefe?

Ramires – O que te parece?

Sanches – Para descobrir quem é o pai do bebé congelado que cresceu dentro desta arca?

Ramires – Não, para saber qual deles é o Zorro, idiota… Leva-os à sede da junta para recolher as amostras e manda-as ao laboratório.

Sanches – Vamos, sigam-me…

As duas lisboetas preparam-se para o acompanhar.

Ramires – Não, vocês não. Ainda tenho umas perguntas para vos fazer…

Os outros saem.

Ramires – Agora que estamos sós, digam-me o que fazem realmente aqui. É raro a imprensa chegar ao local de um crime antes da polícia, sobretudo num sítio destes…

Laura – Foi pura coincidência, senhor Comissário, garanto-lhe…

Ramires – Pois, com certeza… No lugar errado à hora errada… *(A Wendy.)* E a senhora não tem mais nada a dizer? Para produtora de televisão falta-lhe imaginação. Trabalha para que canal?

Wendy – Principalmente para a RTP…

Ramires – Estou a ver… RTP1, RTP2, RTP3, RTP Memória… Realmente, parece que a imaginação não é requisito para trabalhar numa televisão pública.

Laura – Ah, sim? E que requisitos é que pedem, na sua opinião?

Ramires – As medidas?

Wendy – Agora é o senhor que cai nos clichés, comissário, se me permite.

Ramires – Não me diga que veio aqui fazer um casting…

Laura – Olhe que há aqui uma galeria de personagens… Já viu bem a cara daqueles idiotas?

Ramires – Pois… Não deixa de ter razão.

Wendy – E o senhor, comissário? Já lhe disseram que tem um físico para televisão?

Ramires – Acha?

Wendy – Sim… Para cinema, talvez não, mas para televisão… Deixo-lhe o meu cartão, se quiser.

Ramires observa as duas mulheres por momentos.

Ramires – Posso perguntar qual é, exatamente, a natureza da relação entre as duas?

Wendy – A nossa relação?

Ramires – Sim, bem… Sabem o que quero dizer…

Laura – Isso tem alguma… relação com a investigação?

Ramires – Nenhuma. Mera curiosidade malsã…

Roberto, Honório, Carlos e Feliciano regressam, embaraçados.

Ramires – Pronto, podem circular, mas não saiam do território da freguesia até nova ordem…

Wendy e Laura afastam-se.

Honório – Precisávamos de falar consigo, comissário… E, na minha qualidade de primeiro magistrado desta freguesia…

Ramires – Poupe-me os preliminares…

Honório – Estamos um pouco ultrapassados pelos acontecimentos… E, depois de discutirmos entre nós, pensamos que há coisas que devia saber…

Ramires – Ora, ora…

Roberto – Sabemos quem é a vítima.

Ramires – Então agora já se lembram.

Feliciano – É o João Carlos, sobrinho dele.

Honório – Queres dizer primo.

Roberto – Resumindo, é meu afilhado.

Honório – Há anos que se treina para um concurso de talentos.

Feliciano – É contorcionista.

Roberto – Uma vez encontrámo-lo dentro de uma mala.

Ramires – Pois, agora podia entrar num filme chamado Hibernatus.

Carlos – Na verdade, foi um acidente…

Ramires – Foram vocês que o meteram na arca, sim ou não?

Roberto – Sim…

Feliciano – Quer dizer, não…

Roberto – Pensei que a arca estava desligada.

Ramires mostra-se cético.

Ramires – Se estivesse no meu lugar e lhe contassem uma história destas, que pensaria? *(Sanches regressa, seguido de Gina.)* Por enquanto vamos levá-los todos de helicóptero para a esquadra. Depois explicam tudo. Talvez falem mais depois de umas pancadas com uma lista telefónica.

Carlos – Acha mesmo que cabemos todos no helicóptero, senhor Comissário?

Honório – Se não houver espaço, podem começar por torturar os donos deste café. Afinal, a arca é deles.

Feliciano – E é o afilhado deles. No fundo é um assunto de família…

Roberto – Era o que esperava de si, senhor Padre. Na sua família, os de Marçal são padres e traidores de pai para filho.

Feliciano – Senhor Comissário, peço-lhe um gesto de humanidade. Deixe-me dar a este pobre inocente uma última bênção.

Ramires – Está bem, mas depressa.

Honório aproxima-se de Ramires com ar conspirador.

Honório – Entretanto, talvez possamos chegar a um entendimento que evite complicações. A justiça já está tão sobrecarregada…

Ramires – Cada vez melhor… Corrupção de funcionário público?

Honório – De maneira nenhuma, comissário! Estamos ambos ao serviço do Estado! Tecnicamente, dois servidores públicos não podem corromper-se um ao outro. Proponho apenas um acordo que defenda os interesses da Nação…

Ramires – Visto assim… Quanto?

Honório – Digamos…

Feliciano abre a arca e começa a fazer o sinal da cruz.

Feliciano – Meu Deus!

Ramires – O que foi agora?

Feliciano – O cadáver… Ressuscitou…

Sanches examina o corpo descongelado.

Sanches – É verdade, chefe. Abriu um olho…

Roberto – Parece que o gelo derreteu.

Gina – A arca deve ter avariado. Ainda bem que não tinha guardado lá todas as batatas fritas.

Ramires – Não me parece muito fresco, mesmo assim.

Carlos – Como dizia há pouco… Quando se quebra a cadeia de frio…

João Carlos sai da arca, como Drácula do caixão.

Feliciano – Senhor Deus! *(Benze-se.)* Parece Jesus Cristo a sair do túmulo…

Carlos – Numa nova versão de um anúncio de congelados.

João Carlos – Dá-me o dinheiro, tio!

Sanches – Isso não é muito católico…

Gina – Que dinheiro?

Roberto – Depois explico-te, Gina…

Ramires – É à polícia que devia explicar esta palhaçada.

Honório – Desculpe-nos, comissário. Foi apenas uma aposta estúpida.

Feliciano – Queríamos pôr o vídeo no YouTube.

Ramires – E ele? Concordou com isso?

Sanches *(a João Carlos)* – Quer apresentar queixa?

João Carlos – Quero é aparecer na televisão.

Carlos – Está a ver que ele não tem nada, senhor Comissário.

Sanches – Parece um pouco perturbado. Pode ter ficado com sequelas…

Gina – Não, comissário, ele tem sempre este ar.

Honório – Diria até que parece mais desperto do que é costume, não?

Roberto – Um copinho de aguardente de batata acaba de o descongelar…

Gina serve vários copos.

Carlos – Eu uso-a como anticongelante no radiador do carro. Funciona lindamente.

Roberto dá a garrafa a João Carlos, que bebe pelo gargalo.

Ramires – Bem, já não temos nada a fazer aqui, Sanches… Se não há cadáver, não há crime…

Gina – Quer mais um copo, senhor Comissário?

Ramires – Bem, não vou recusar.

Gina dá um copo a Ramires, que o esvazia de uma vez.

Ramires – Realmente, isto acordava um morto.

De facto, João Carlos começa a recuperar. Dá alguns passos hesitantes.

Feliciano – Estão a ver? Está a andar! É um milagre.

Carlos – Um milagre? Acha que o Vaticano o reconhecerá?

Feliciano – Um caso de descongelação milagrosa? Não sei…

Honório – Mas claro… Um milagre! Talvez seja isso que precisávamos!

Roberto – Como Jesus Cristo! Um homem que todos julgavam morto e que ressuscita!

Gina – Acham que podia resultar?

Laura – Da última vez que fizeram isso, foi há dois mil anos, e ainda hoje vende muito bem.

Roberto – Isto é coisa grande, estou a sentir… JC regressado dos mortos…

Wendy – Aqui seria mais regressado do meio dos bifes congelados, mas pronto…

Honório – Têm razão… É um sinal do céu. A ajuda divina por que esperávamos. Vamos fazer de Viladeburros da Igreja um lugar de peregrinação…

Gina – Que acha, senhor Padre?

Feliciano – Mas… É um falso milagre. Nós sabemos perfeitamente.

Roberto – Por outro lado, os verdadeiros milagres não existem, pois não?

Feliciano olha para João Carlos.

Feliciano – Pensando bem, têm razão. Foi Deus que no-lo enviou. Jesus não disse «Bem-aventurados os pobres de espírito»?

Honório – Vamos transformar este simplório num santo. São João Carlos. E a aldeia numa nova Fátima.

Carlos – João Carlos, dito JC. Um nome predestinado.

Honório – Já vejo as manchetes dos jornais: «Vítima dos pesticidas e de um acidente de congelação, regressa milagrosamente à vida!»

Feliciano – Monsanto subito!

Roberto – Glória a Deus nas alturas! Começa uma nova era para Viladeburros da Igreja!

Honório – Meus amigos, estamos a viver um momento histórico.

Carlos – O Ano Um depois de JC.

Feliciano – Para a peregrinação devíamos mandar fazer uma estátua…

Carlos – João Carlos a sair da arca como Jesus Cristo do sepulcro? Ficava espetacular.

Honório – Se ao menos tivéssemos a imprensa connosco…

Roberto – Mas a imprensa está aqui!

Feliciano – Graças a Deus, esta aldeia vai finalmente ter uma segunda vida!

Laura e Wendy assistem, um pouco atónitas, a toda aquela agitação.

Laura – É uma aldeia de malucos, já te disse… Estão em delírio religioso… Anda, vamos embora antes que decidam degolar uma galinha ou fazer um sacrifício humano…

Mas Wendy parece também ter voltado à vida.

Wendy – Estás doida! Já viste? Devias escrever um artigo sobre isto!

Laura – Achas?

Wendy – Confia em mim. Daqui a três dias isto será uma nova gruta de Belém. E fomos as primeiras a chegar. Imagina quantos jornais teriam vendido se um jornalista estivesse lá há dois mil anos!

Laura – Tens razão… Uma coisa destas só acontece de dois em dois mil anos. Não podemos perder a oportunidade…

Laura aproxima-se de João Carlos.

Laura – Bom dia, João Carlos. Já lhe chamam o messias de Viladeburros da Igreja. Pensa fundar uma nova religião?

João Carlos – Vou aparecer na televisão?

Wendy – Claro que sim! Se fizermos isto bem, até pode ter o seu próprio programa.

João Carlos – Como o Goucha?

Laura – Talvez até o seu próprio canal…

O telemóvel de Sanches toca e ele atende.

Sanches – Inspetor Sanches, diga… Afirmativo… Muito bem, eu transmito… *(Guarda o telemóvel.)* Chegaram os resultados dos testes genéticos, chefe.

Ramires – E então? Já sabemos quem é a vítima. Pelo menos sabemos quem é o padrinho.

Sanches – Sim, mas agora, graças à genética, sabemos quem é o pai…

Gina – O pai do João Carlos? Quem é?

Sanches – Ao que parece, o senhor Padre…

Todos olham para Feliciano.

Feliciano – Não percebo… Deve ser um engano…

Ramires – Ou outro milagre…

Laura suspira.

Laura – Esta é mesmo a pior aldeia de Portugal…

Wendy – Pronto, eu também já encontrei!

Laura – O quê?

Wendy – O meu novo formato de reality show!

Laura – «Bem-vindos à Casa Paroquial»?

Wendy – «A Pior Aldeia de Portugal»! Todas as localidades portuguesas poderão concorrer. No fim, convidamos celebridades a passar um mês na aldeia eleita como o cu de Judas do país… Que achas?

Laura – Sim, podia ter ainda mais sucesso do que «A Quinta das Celebridades».

Wendy – Aleluia! A WC Produções está salva da falência!

Laura – Desculpa, vou fazer mais uma entrevista exclusiva…

Laura aproxima-se de Feliciano.

Laura – Dizem que é o pai do novo messias… Nunca pensou em trabalhar por conta própria?

Feliciano – Por conta própria?

Wendy – Trabalha há trinta anos para a casa-mãe, o Vaticano.

Feliciano – E, como agradecimento, queriam acabar com a minha paróquia…

Wendy – Sendo o pai do messias, podia estabelecer-se como trabalhador independente…

Laura – E nesse caso vai precisar de uma boa assessora de imprensa.

João Carlos olha para Feliciano com ar parvo.

João Carlos – Pai?

Wendy – E ele vai mesmo precisar de um treinador para o programa…

Laura – Está pronto para a aventura, senhor Padre?

Feliciano – Minha irmã, por si estou disposto a deixar já a batina.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-026-1
Documento para download gratuito